

Free Williams: Subversão de padrões estéticos na cultura da reciclagem

José Cirillo (josecirillo@hotmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/6252535690546666>

Júlia Mello (juliaalmeidademello@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/2648924540669238>

Free Williams é um projeto de videoarte que, como tantos outros, possibilita inúmeras análises, das mais diversas e variadas vertentes. Ateremos aqui a tratá-lo sob o viés do que Marcus Bastos (2004) chama de “cultura da reciclagem” e da relação corpo e (pós-)organicidade sustentada por Paula Sibilia (2002). Para isso, iniciaremos tecendo breves comentários sobre a artista idealizadora do trabalho, Elisa Queiroz (1974-2011), por julgarmos possuir um projeto autorreferencial, essencial para a compreensão das “colagens” e *remixes* e do jogo de palavras com o filme *Free Willy* (1993, dirigido por Simon Wincer). Em seguida intermediaremos a discussão pincelando aspectos do hibridismo cultural retratado no vídeo, aparentemente utilizado para chacoalhar (ou subverter) os padrões estéticos do corpo feminino atrelados a magreza.

Elisa Queiroz, em sua breve trajetória, trouxe grandes contribuições para o meio artístico. Seus trabalhos falam de si, de um corpo volumoso cuja sensualidade extrapola os limites sensoriais e se projeta sinestesticamente. Questionam valores e normas da sociedade:

Estudos preliminares sobre a artista evidenciam suas reflexões sobre seu corpo e revelam uma estética resultante de uma poética auto-referenciada. Discutir o corpo e a obra em simbiose é uma tendência do projeto poético de Elisa Queiroz, que rediscute o seu lugar na contemporaneidade. Sua obra exala um grotesco poder sedutor. Sua obra invade os sentidos. Uma tendência que revela uma intencionalidade: dialogar com a sedução e a revisão de valores engessados pelos sistemas do corpo, da arte e da cultura (CIRILLO, 2013, p.246-247).

A não identificação da artista com os padrões estéticos dominantes é camuflada pela sedução e ironia, que revelam uma positivação do seu corpo obeso (MELLO, 2013a). Embora estejamos enfrentando um momento da amplitude do discurso da diferença, cabe ressaltar que os corpos tidos como

“fora de forma” dificilmente figuram como personagem principal e tampouco são tidos como um exemplo a ser seguido (MELLO, 2013b). Elisa Queiroz parecia estar ciente dessa condição quando realizou o *Free Williams* e por isso, utilizando do artifício da ironia, “rouba” a cena de Esther Williams (1921-2013), atriz que brilhou nas décadas de 1940 e 1950 e cujo corpo ainda no século XXI é tido como ideal. É importante ressaltar que a ironia tanto utilizada por Queiroz é uma “peça-chave” na luta contra poderes instituídos.

Para Mignon Nixon (1961-), em acordo com Freud (1856-1939), isso faz com que seja possível desafiar algo respeitável causando efeitos agradáveis (DEUTSCHE, 2006). Exemplos disso são os trabalhos de Virginia Woolf (1882-1941), os quais buscavam discutir as relações de gênero e autoridade das instituições, e de Louise Lawler (1946-), artista que critica as disposições e organizações de instituições artísticas associando a elementos como a cultura patriarcal. Haraway (2009) reforça o papel político da ironia considerando-a uma “estratégia retórica” (MELLO, 2013b).

Free Williams surge então da paródia, da brincadeira. A videoarte que foi produzida em baixa resolução para ser publicada no *youtube* se apropria de uma série de índices da sociedade contemporânea. É uma obra digital, idealizada para o meio digital. Apresenta-se como um sistema aberto que está em constante troca com o meio ambiente (até mesmo porque sua recepção depende dessas interações). Assim, buscamos nos aproximar da criação de *Free Williams* por meio do mapeamento de possíveis conexões, interconexões instáveis, que constroem a interatividade da obra com a cultura da artista e de seu tempo de feitura e percepção.

COLAGENS, SOBREPOSIÇÕES, CORPO RECICLADO

O vídeo abre com um frame de uma baleia nos remetendo ao “*Free Willy*”. Na sequência, a artista em vermelho e com acessórios na cabeça e no pescoço, seguida de seis homens com roupas de banho brancas, descem as escadas em direção a uma piscina. Essa sequência é interrompida por um breve trecho de um filme antigo em que uma mulher seguida por alguém de branco, caminha na borda de uma piscina. Elisa e seu séquito seguem pela borda; posiciona-se a artista a frente do grupo em uma linha. Mergulha. Surge

uma colagem de um trecho de filme em que a mulher mergulha com elegância. Queiroz mergulha novamente e no vídeo, interrompido novamente por outra colagem de trecho do filme, emerge a bela seria de Hollywood, Esther Williams. Essa construção sequencial conduz a uma intenção: a aproximação entre a artista e a atriz. O título começa a fazer sentido. No vídeo, os homens de branco alinham-se e caem, um a um, grotescamente, na água. Contraste evidente com a elegância sincronizada das nadadoras no filme que descem à piscina.

Emergindo das imagens notamos as sobreposições das vozes que direcionam as ações das cenas na trilha sonora que se inicia com “*If dreams come true*” (1937) de Ella Fitzgerald (1917-1996). Sons da água da piscina, passos, palmas e comentários de Queiroz também são escutados, muitas vezes em volume maior, sobre as músicas. O aspecto “amador” de deixar estes sons transparecerem reforça o caráter irônico do trabalho.

Esta reciclagem de elementos sonoros que se mesclam nas composições no decorrer do projeto artístico não se limita à música. Estende-se num processo de colagens e também sobreposições de imagens propositadamente caseiras com hollywoodianas associadas às coreografias aquáticas do cineasta norte-americano Busby Berkeley (1895-1976). Há um forte contraponto, por exemplo, entre corpo gordo x corpo esbelto e amadorismo x profissionalismo.

A intencionalidade da artista vai se revelando no vídeo e na sua apreensão por parte dos visitantes no site: há o evidente questionamento sobre o lugar da mulher, do corpo, do diferente, do particular. Queiroz fala da diversidade em seu processo de criação. Se podemos falar de um diálogo com a cultura de seu tempo, ela se refere à multiplicidade, dos diferentes tratados diferentemente.

O trabalho com cenas intercaladas formando paralelos tem seu auge de paródia, quando, segundo Vieira Júnior (2013), a própria Elisa se inclui em uma cena do filme “*Dangerous when wet*” (1953) nadando sorridente junto a Esther Williams e aos personagens do desenho “Tom & Jerry”. Com suas mãos e pés em pequenos e nervosos movimentos Elisa simula estar no mesmo espaço que a atriz; ambas em acrobacias; Tom e Jerry aplaudem a saída das duas mulheres da tela. Parece que Queiroz adverte que na água todas são leves.

Isto reforça a ideia de reciclagem citada por Bastos (2004), pois temos a (re)utilização de um trecho de um filme antigo com o acréscimo de um novo elemento: a própria artista. A cena se mostra como colagens em cima de mais colagens. Camadas de imagens reajustadas/justapostas. O efeito “mal acabado” do mix de Queiroz é mais um índice do irônico. Pode nos dar a ideia de que se incluiu ali de maneira forçada.

Adentrando um pouco nos questionamentos que norteiam o corpo feminino obeso, podemos entender esse vídeo que se apropria de uma celebridade “exemplo de beleza” –ainda hoje - como uma amostra dos *jogos de poderes* que se têm em torno da forma humana. Utilizando das considerações feitas por Sibilia (2002, p.11) sobre a obra de Foucault (1926-1984), estes jogos devem ser entendidos como indicadores da “[...] produção de novos modos de subjetivação. Novas formas de pensar, de viver, de sentir; em síntese: novos modos de ser”. O que a autora pretende mostrar com estas frases é uma superação “[...] da noção convencional de ‘poder’. [...] Estas redes de relações configurariam um complexo jogo de forças, e não mais uma instância unidirecional, puramente negativa, cujo objetivo seria reprimir ou proibir”. Nesse sentido, Queiroz busca “recondicionar o olhar do espectador” (QUEIROZ; MENDES, 1998, s.p), mostrando um modo de ser distante da exclusão do corpo obeso, não indo de encontro ao corpo esbelto de Williams e sim, paralelo a ele. Vale ressaltar que o estudo de Sibilia direciona-se a elementos da tecnociência e, como a própria autora se refere, à “pós-organicidade” do homem. Para tanto, não nos adentraremos neste patamar ao analisarmos aqui “*Free Williams*”, embora apontemos alguns entrelaces que permitem a interpretação desta videoarte em um momento em que a sociedade encontra-se associada fortemente aos avanços na “informática, telecomunicações e biotecnologias”¹. O resultado, em termos físicos (e não somente neles), é a busca pela perfeição ou o constante *upgrade*. O corpo que não acompanha os avanços é considerado, ainda segundo a autora, “obsoleto”. Podemos identificar o corpo obeso como ainda mais ultrapassado dentro deste contexto. Durante o século XX ser gordo² estava associado à falta de

¹ Tríade dos saberes hegemônicos na contemporaneidade, segundo Sibilia (2002).

² Cabe ressaltar que a definição de gordura na medicina muda constantemente (GILMAN, 2012).

autopoliciamento e fuga das normas³. No século XXI, principalmente sob a ótica da medicina, o “acúmulo de tecido adiposo” é tido muitas vezes como resultado de descontrole⁴. A pessoa “fora de forma” é vista então como incapaz de “administrar” seu próprio corpo. Nesta instância, a obesidade seria uma espécie de resistência às “atualizações cotidianas”. O posicionamento escolhido por Queiroz em manter-se gorda e mostrar-se como tal em um momento em que mudar o corpo se torna cada vez mais viável pode ser encarado como subversivo. Embora os *jogos de poderes* tenham mudado, ainda há ordem imperando sobre a forma corpórea. E Elisa escapa a ela. Prefere reciclar o seu corpo, dispor de uma amostra dele em seu trabalho que descartá-lo.

Em uma divertida brincadeira, a artista mantém o seu “corpo excessivo” ao lado (e sobreposto) do antigo e ainda cultuado corpo esbelto de Esther Williams. Nada livremente, dança. Mistura sua organicidade ao digital e cria com isso um paradoxo: um corpo que se extrapola em organicidade e materialidade ligado ao artificial, virtual, imortal. Ao final do vídeo, a artista dá lugar à atriz que encerra-se em um círculo de águas flamejantes que vão envolvendo-a e desaparecendo com sua imagem. Esther Williams fica presa nessa “cela de água”, enquanto a baleia Willy se liberta do mar, saltando em busca da liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto poético de Elisa Queiroz retrata uma luta pautada na subjetividade da artista em expor seus excessos. Na data de lançamento do vídeo e ainda hoje convivemos com imagens diárias oriundas de diversos canais midiáticos que enaltecem o corpo feminino esbelto e tornam “invisíveis” os que fogem do padrão (EDISON, 2002). Produtos e serviços que prometem uma aproximação do corpo perfeito⁵ são cada vez mais comuns e em paralelo a esta “ordem” Queiroz constrói a sua poética.

Aparentemente sem pretensão, a artista coloca-se na rede, constrói-se em mares virtuais que pela sua dinamicidade e flexibilidade acrescentam

³ Cf. “*Fat history: bodies and beauty in the modern west*” (2002), Peter Estearns.

⁴ Não é difícil encontrar matérias recentes que utilizam o termo “descontrole alimentar” associado a aumento de peso. Por exemplo: <http://noticias.r7.com/saude/ansiedade-e-estresse-podem-levar-a-descontrole-alimentar-13082013>. Acesso em: 16 dez. 2013.

⁵ Porque o perfeito, ao menos enquanto matéria orgânica, se mostra inatingível.

refinamento à bem humorada ironia aos musicais que endeusaram um tipo feminino e um lugar para a mulher. O ciberespaço se configura como o novo paradigma de sua obra, cujas regras de funcionamento são tão instáveis quanto as conectividades possíveis da rede, nas quais somente pode-se acessar o fenômeno pela sua materialização enquanto signo instável.

Por fim, “*Free Williams*” se apresenta como um trabalho cuja protagonista brinca com os padrões de beleza reciclando cenas, recriando situações, redirecionando olhares e reinserindo formas em uma sociedade que (quase) tudo reaproveita e hibridiza, mas que ainda descarta determinados corpos.

Referências bibliográficas

ANSIEDADE e estresse podem levar a descontrole alimentar. **R7 Notícias**, 13 ago. 2013. Saúde. Disponível em: < <http://noticias.r7.com/saude/ansiedade-e-estresse-podem-levar-a-descontrole-alimentar-13082013>>. Acesso em: 17 dez. 2013.

BASTOS, Marcus. **A cultura da reciclagem**. In: ALZAMORA, Geane et al (org). **Cultura em fluxo**: novas mediações em rede. Belo Horizonte: PUC-MG, 2004.

CIRILLO, Aparecido José. Free Williams: citacionismo e estética do grotesco na produção videográfica de Elisa Queiroz. **Revista Estúdio 7**. Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa & Centro de Investigação e de Estudo em Belas Artes, vol. 4, n.7, p. 246-247, janeiro-junho, 2013.

EDISON, Laurie. Body image from within. **Library**. 10 jan. 2002. Disponível em: <<http://laurietobyedison.com/library/bodyimage.html>>. Acesso em: 7 mai. 2013.

GILMAN, Sander L. **Obesity**: the biography. 1 ed. Nova York: Oxford University Press, 2010.

MELLO, Júlia. Sabor, obesidade e sedução em Elisa Queiroz. In: MONTEIRO, Rosana Horio; ROCHA, Cleomar de Souza (Org.). **Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia: UFG/Núcleo Editorial FAV, 2013, p. 581-590.

_____. **O corpo rude de Fernanda Magalhães**: repensando a hegemonia da magreza. 2013. Artigo em fase de pré-publicação realizado para o IV Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES - Colartes.

QUEIROZ, Elisa; MENDES, Neusa Maria (coord.). **Elisa Queiroz**. Vitória: Galeria de Arte Espaço Universitário, 1998, s.p. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=n=artistas_depoimentos&cd_verbete=1627&cd_item=16&cd_idioma=28555>. Acesso em: 8 mai. 2013.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. 1 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

STEARNS, Peter. **Fat History**: Bodies and Beauty in the Modern West. 2 ed. Nova York: NYU Press, 2002.

VIEIRA JÚNIOR, Erly. **Estéticas da co-autoria**: mashup, sampleamento e remixagem no vídeo brasileiro contemporâneo. *In*: Cirillo, José; Gil, Fernanda Garcia; Grando, Ângela (org.). *Artistas, autoria e as práticas colaborativas*. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 199-203.

SOBRE OS AUTORES

Aparecido José Cirillo é pesquisador vinculado ao GEPPC/LEENA-UFES (grupo de pesquisa em Processo de Criação); Professor Permanente do Programa de Mestrado em Artes da UFES e artista plástico. Possui graduação em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia (1990), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (1999) e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004).

Júlia Almeida de Mello é mestranda em Artes na UFES e Designer de Moda. Possui graduação em Design de Moda pela FAESA (2005), Licenciatura em Música pela UFES (2008) e MBA em Design e Produção de Moda (2008).